

## O HOMOEROTISMO NO SATYRICON, DE PETRÔNIO: PERFORMANCE, POSICIONAMENTO E TEORIA QUEER

Elio Marques de Souto Junior (UFRJ)  
[eliomsj@yahoo.com.br](mailto:eliomsj@yahoo.com.br)

### RESUMO

A literatura configura um lugar de encenação de saberes sócio-historicamente localizados e, nesse sentido, há nos textos literários das diversas épocas, um saber sobre os gêneros e as sexualidades que mobiliza significados sociosexuais particulares. Tais significados são aqueles culturalmente construídos e atribuídos às experiências afetivo-sexuais e aos papéis de gênero. Assim, este minicurso objetiva estudar a construção da identidade homoerótica masculina, compreendida como performance corpóreo-discursiva, no romance satírico *Satyricon*, de Petrônio, escrito na segunda metade do século I da era cristã durante o principado de Nero. Desse modo, concebendo o texto literário em questão como um documento de identidade historicamente situado e marcado por uma interação de vozes sociais com visões de mundo, crenças e posicionamentos ideológicos distintos, pretendemos investigar como algumas personagens masculinas do romance posicionam-se discursivamente acerca da performance homoerótica, atentando para os significados sociosexuais com base nos quais essa performance é construída. Para tanto, recorreremos aos pressupostos da teoria queer que compreende os gêneros e as sexualidades como construtos sociais e discursivos, bem como resultado de atos performativos, apontando para o caráter fluido e mutável dessas categorias. Consequentemente, os/as teóricos/as queer visam questionar as dicotomias masculino x feminino e heteroerotismo x homoerotismo que organizam as experiências afetivo-sexuais na sociedade ocidental desde a antiguidade.

#### Palavras-chave:

Homoerotismo. *Satyricon*. Teoria queer.

### 1. Introdução

A sexualidade deve ser pensada como uma experiência sócio-historicamente localizada, sendo, pois, necessário atentar para aspectos culturais que variam em épocas e sociedades distintas (SULLIVAN, 2003). Em outras palavras, em momentos históricos particulares, as experiências afetivo-sexuais são estruturadas de uma forma específica a partir de significados sociosexuais determinados.

Os significados sociosexuais são aqueles culturalmente construídos e atribuídos às experiências afetivo-sexuais dos sujeitos em uma dada civilização (COSTA, 2002). Assim, tais significados são representados nos mais diversos artefatos culturais, como nos textos literários

(BARCELOS, 2006). De fato, desde a antiguidade clássica, a literatura encena saberes sobre os gêneros e as sexualidades.

Nesse sentido, podemos conceber a prosa literária como um documento de identidade (SILVA, 2003) historicamente situado que não só representa identidades sexuais e de gênero, mas também as constrói por meio do discurso (BARCELOS, 2006). Essas identidades são construídas na e pela interação de vozes sociais independentes e com visões de mundo muitas vezes conflitantes que, para Bakhtin (2011), marcam a prosa literária.

Isto posto, este artigo visa analisar a construção da identidade homoerótica masculina, compreendida como performance discursiva encenada em um contexto sócio-histórico específico, de algumas personagens do romance satírico *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) que, conforme Rimell (2005), foi escrito na segunda metade do século I da nossa era durante o principado do imperador Nero.

Portanto, a fim de alcançar nosso objetivo, na segunda seção, discutiremos sobre os significados sociossexuais com base nos quais os gêneros e as sexualidades eram compreendidos na antiguidade clássica. Na seção seguinte, faremos uma breve exposição a respeito do enredo da obra em questão, destacando o papel da sexualidade na trama, e discutiremos acerca da classificação do *Satyricon* como romance Satírico (GOODYEAR, 2008).

Na quarta seção, serão feitas considerações a respeito dos pressupostos da teoria queer, que concebe os gêneros e as sexualidades como construções sociais e discursivas, além de serem resultados de atos linguístico-performativos (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003). Assim, as identidades sexuais e de gênero são entendidas como performances discursivas construídas a partir do posicionamento das personagens da prosa literária por meio do discurso (DAVIES e HARRE, 1999; BARCELOS, 2006).

## 2. *Os significados sociossexuais na antiguidade*

Na antiguidade clássica, Grécia e Roma eram sociedades patriarcais marcadas por uma cultura falocêntrica de dominação masculina na qual mulheres, escravos/as, libertos/as e estrangeiros/as eram considerados inferiores (FLORES, 2017; FOUCAULT, 1984). Assim, as experiências afetivo-sexuais devem ser compreendidas a partir de “uma ética da superioridade viril e uma concepção de qualquer relação sexual segundo o

esquema da penetração e da dominação do macho” (FOUCAULT, 1984, p. 194).

Nesse contexto, a fim de garantir sua inserção no “modelo priápico” da sexualidade masculina, o cidadão greco-romano deveria sempre desempenhar o papel ativo na relação sexual e o papel passivo deveria ser desempenhado pelos sujeitos considerados inferiores (WILLIAMS, 2010). Entretanto, o papel passivo de um cidadão só era admitido se fosse desempenhado por um jovem na relação pederástica grega (DOVER, 2007).

A pederastia grega era caracterizada por uma relação pedagógica e afetivo-sexual entre um jovem, erômenos ou amado, e um cidadão adulto, erastés ou amante (DOVER, 2007). Em tal relação, o jovem era o único que poderia desempenhar o papel passivo no ato sexual, visto que ainda não era considerado um cidadão pleno. Porém, os romanos não eram adeptos da pederastia, pois a consideravam um vício grego (FLORES, 2017).

Portanto, os significados homossexuais, na antiguidade clássica, eram construídos com base na oposição atividade x passividade (WILLIAMS, 2010). Nesse sentido, caso assumisse o papel passivo na relação sexual, o cidadão greco-romano estaria rejeitando sua virilidade e, consequentemente, igualando-se aos sujeitos socialmente inferiores (CROMPTON, 2004). A passividade estava associada também ao descontrole sexual do cidadão e à sua submissão ao prazer de outra pessoa, seja homem ou mulher.

Para o cidadão greco-romano, pois, a desonra advinda do papel passivo centrava-se em dois aspectos: “a) um descontrole de si, que o torna submisso ao próprio desejo; ou b) a submissão a outra pessoa, em geral sexualmente marcada à entrega ao desejo alheio” (FLORES, 2017, p. 17). Estes dois aspectos e o desempenho do papel ativo eram mais relevantes do que o gênero do parceiro na relação sexual (WILLIAMS, 2010).

Após discutir os significados homossexuais na antiguidade clássica e tendo em vista que tais significados estão presentes em todo artefato cultural de uma dada sociedade (COSTA, 2002; BARCELOS, 2006), na próxima seção, vamos expor brevemente o papel das sexualidades no enredo do *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008), além de justificar a classificação desta obra quanto ao gênero literário.

### 3. *Satyricon*: romance satírico

A maioria dos estudiosos concordam que o *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) foi escrita entre 62 e 64 d. C. por Petronius Arbitrator, conhecido como árbitro da elegância na corte do imperador Nero cujo principado se estendeu de 52 d. C. a 68 d. C. (RIMELL, 2005). A obra chegou até nós fragmentada, tendo restado apenas partes dos livros XIV, XVI e todo o livro XV, que retrata o episódio do banquete de Trimalquião.

O *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) foi escrito na época de declínio social, político e econômico de Roma, coincidindo com a decadência literária dessa civilização (GOODYEAR, 2008). Conforme Rimell (2005), o *Satyricon* é uma obra na qual são retratadas experiências homoeróticas e heteroeróticas em episódios de luxúria obscena, além de fazer um retrato fiel da humanidade depravada que predominava na sociedade da época. Assim, a história está povoada de personagens sem escrúpulo nem moral, como ladrões, mulheres adúlteras, frequentadores de bordéis, sujeitos homoeróticos, etc.

O enredo da obra centra-se em uma série de aventuras eróticas, na maior parte das vezes, de Encólpio, narrador-personagem e seu amante Gitão, jovem entre 14 e 16 anos (RIMELL, 2005). Eles são acompanhados, inicialmente, por Ascilto, amigo de Encólpio, que disputa com este o amor de Gitão. Ao longo da narrativa, Encólpio e Gitão, apesar de manterem um relacionamento afetivo-sexual, encenam performances heteroeróticas em algumas situações.

Em relação ao gênero literário ao qual o *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) pertence, Goodyear (2008) assevera que a obra é um romance satírico, tendo em vista a presença de características da sátira e do romance em sua composição, sendo esta a classificação adotada neste estudo. Assim, faz-se necessário discutir acerca dos gêneros sátira e romance na antiguidade romana.

Como gênero literário com características bem definidas, a sátira teria se desenvolvido na Roma antiga, constituindo uma composição sobre diversos temas na qual se incluíam zombarias e críticas mordazes de pessoas concretas ou da sociedade em geral a partir do ponto de vista do seu autor (FREUDENBURG, 2005). A sátira foi introduzida em Roma por Lucílio e seus maiores representantes foram Horácio, Pérsio e Juvenal.

Há ainda outro tipo de composição literária satírica, que misturava prosa e verso, tendo sido cultivada, em Roma, por Varrão (RIMELL, 2005). Tal composição era denominada de sátira menipeia por ser baseada na obra do filósofo grego Menipo de Gádara. Portanto, em virtude de

misturar prosa e verso na sua composição, o *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) pode ser considerado uma sátira menipeia.

Entretanto, alguns aspectos do romance podem ser encontrados na obra petroniana (GOODYEAR, 2008). Para Bakhtin (2011), o *Satyricon* de Petrônio é, sem dúvida, uma sátira menipeia, possuindo também características do romance. Nesse sentido, seguindo as reflexões bakhtinianas, Goodyear (2008) afirma que a obra é um romance satírico, haja vista que, nela, está presente a crítica à sociedade da época e alguns elementos romanescos, tais como o tipo de personagem e a forma da sua fala, a narração em prosa, etc.

Portanto, levando em consideração o papel que as sexualidades têm na trama do romance satírico (GOODYEAR, 2008) *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) e tendo em vista nosso objetivo neste artigo, faz-se necessário discutir os principais postulados da teoria queer no que tange a construção dos gêneros e da sexualidade, assim como a compreensão dessas categorias como performances discursivas (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003).

#### **4. Teoria queer: gênero e sexualidade como construções sociais e discursivas**

Partindo da crítica à visão naturalizada, biologizante, binária e a-histórica com a qual as categorias de gênero e sexualidade eram compreendidas, a teoria queer postula que tais categorias são construções sociais e discursivas situadas em circunstâncias históricas específicas (LOURO, 2004; SULLIVAN, 2003). Tal teoria, segundo Louro (2004), insere-se no quadro epistemológico do pós-estruturalismo.

Para Belsey (2002), o pós-estruturalismo estuda a relação entre sujeitos, vida social e as práticas de construir significado. Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente ao sujeito, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso. Assim, a teorização queer fundamenta-se nas ideias de Derrida e sua teoria da desconstrução, nas reflexões de Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção do gênero e da sexualidade como atos performativos de Butler (LOURO, 2004).

Além de destacar o caráter construído do significado, a desconstrução proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, que se apoiava em oposições binárias, tais como masculino x feminino, natureza x cultura, atividade x passividade, etc. para estabelecer uma hierarquia ou

supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA e ROUDINESCO, 2004). Portanto, desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e contradições.

A teoria da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falocêntrica (DERRIDA e ROUDINESCO, 2004), conceito útil para pensar os gêneros e as sexualidades na perspectiva da teoria queer (SULLIVAN, 2003). O modelo falocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o masculino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Derrida e Roudinesco (2004) enfatizam o papel do discurso no estabelecimento das oposições binárias referentes aos gêneros e às sexualidades, Foucault (2001) assevera que a sexualidade é um dispositivo histórico discursivamente construído no século XIX. Porém, embora a antiguidade clássica seja caracterizada como o período antes da sexualidade (MOTTIER, 2008), pois esta categoria ainda não havia sido criada, Foucault (1984), a fim de pensar as experiências afetivo-sexuais no mundo greco-romano, utiliza discursos morais, filosóficos e médicos de caráter prescritivo que propunham regras de conduta no que tange essas experiências.

Nesse sentido, esses discursos sugeriam regras de conduta no que tange as experiências afetivo-sexuais no mundo greco-romano, além de constituir práticas discursivas sobre a moral sexual que estabeleciam quem deveria desempenhar o papel ativo e passivo no ato sexual, a melhor hora de praticar tais atos, enfatizando a moderação no “uso dos prazeres” (FOUCAULT, 1984).

Butler (2003) também aponta o discurso como central na constituição dos gêneros, argumentando que essa categoria é resultado de atos performativos. Portanto, a autora destaca a visão performativa da linguagem como primordial para pensar a construção dos gêneros. A performatividade refere-se a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos

Nessa perspectiva, os gêneros resultam de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica (BUTLER, 2003). Tal noção permite que se desnaturalize o

laço entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, assim, torna-se uma categoria inteligível. A inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-desejo sexual na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina o desejo sexual.

A partir das reflexões butlerianas, é possível pensar as identidades sexuais e de gênero como performances, noção esta que não considera tais identidades como dados pré-discursivos, haja vista que elas só existem no interior das práticas discursivas nas quais os sujeitos sociais se engajam (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003). Portanto, os gêneros e as sexualidades são efeitos discursivos provenientes de performances que os sujeitos encenam em práticas sociais reguladas em contextos determinados.

Tendo em vista que as performances sexuais e de gênero são construídas discursivamente (BUTLER, 2003), recorreremos à teoria do posicionamento (DAVIES e HARRE, 1999) a fim de compreender como algumas personagens masculinas do *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008) constroem sua própria performance sexual, assim como constroem a de outras personagens, por meio do seu posicionamento discursivo.

Para Davies e Harre (1999), posicionamento, enquanto estratégia discursiva, é uma construção de histórias pessoais que tornam as ações dos sujeitos inteligíveis, além de serem determinadas como atos sociais. Nesse sentido, os participantes da interação discursiva são capazes de construir, negociar ou contestar performances no interior de um contexto sócio-histórico e cultural particular (MOITA LOPES, 2002).

## 5. *O homoerotismo no Satyricon*

Nesta seção, com base nas teorias discutidas acima, analisaremos a construção da performance homoerótica de algumas personagens masculinas da obra *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008). O primeiro excerto descreve o momento no qual Encólpio reencontra Gitão em um quarto depois de procurar este por toda a cidade.

Após ter dado uma olhada por toda a cidade, voltei para o quarto. Tendo cobrado os beijos, graças à boa fé finalmente enlaço o garoto com estreitíssimos abraços, e desfruto dos meus desejos de felicidade a ponto de causarem inveja. E com certeza tudo aquilo não tinha ainda acabado, quando Ascilto furtivamente chega de fora e, tendo forçado violentamente as trancas da porta, encontrou-me brincando com meu irmãozinho (PETRÔNIO, 2008, p. 21).

No trecho acima, Encólpio encena uma performance homoerótica com Gitão, chamado de “garoto” e “irmãozinho”, pelo narrador-personagem. O uso das palavras “beijos”, “abraços” e da frase “desfruto dos meus desejos de felicidade” por Encólpio para relatar seu encontro com Gitão evidencia tal performance.

Podemos concluir que, na sua narração, Encólpio desempenha o papel ativo e, conseqüentemente, dominador na relação afetivo-sexual, uma vez que se posiciona discursivamente como agente das ações (MOITA LOPES, 2002). Portanto, ele garante sua inserção no “modelo priápico” da sexualidade masculina (WILLIAMS, 2010). Desse modo, ao ser posicionado por Encólpio como paciente das ações, Gitão desempenha o papel passivo, estando subjugado ao prazer daquele.

Apesar de, no trecho anterior, Encólpio encenar uma performance homoerótica, no excerto seguinte, ele rejeita tal performance encenada por um dançarino:

Entra uma bicha, o ser mais sensaborão do mundo e, é claro, típico daquela casa. Mal soltou uns gemidos e desmunhecou, foi logo disparando os seguinte versos: – “Aqui, aqui, venham agora, ai, bichonas,/ estiquem o pé, apressem o passo os pés...voem sobre eles,/ a perna, a bunda ligeira e as mãos tentadoras,/ ó seus brochas, ó seus velhos, ó seus castrados de Apolo”. Logo que recitou seus versos, ela me babou com um beijo que era a maior imundice. Depois veio para cima de meu leito e despiu-me com toda a força, apesar de minha relutância. Ela ficou durante muito tempo sobre minhas partes; parecia um moinho. Foi totalmente em vão. (PETRÔNIO, 2008, p. 37)

A cena se passa em um culto em honra a Priápo, deus da fertilidade representado com um enorme pênis ereto, do qual Encólpio é obrigado a participar pela sacerdotisa Quartila (PETRÔNIO, 2008).

Inicialmente, o uso da palavra “bicha” por Encólpio para se referir à performance homoerótica encenada pelo dançarino evidencia o posicionamento do narrador-personagem frente a uma performance que transgride os ideais romanos de masculinidade baseada no “modelo priápico” (WILLIAMS, 2010). De fato, Na concepção de Butler (2003), a utilização do termo “bicha” por Encólpio tem valor performativo.

Desse modo, é exatamente a performatividade que permite que se construa performances sexuais e de gênero segundo as normas sociais ou desviantes delas (BUTLER, 2003). Assim, ao designar o dançarino de “bicha”, Encólpio está posicionando esta personagem como um homem cuja masculinidade está fora do padrão desejável para um cidadão romano (WILLIAMS, 2010).



A aversão de Encólpio diante da performance homoerótica do dançarino também é evidenciada quando este o beija. O narrador-personagem descreve o beijo como “a maior imundice”, o que reflete o nojo que sentiu ao ser beijado. Apesar de Encólpio posicionar discursivamente o dançarino como mulher, o que pode ser justificado pelo uso do pronome pessoal “ela”, a “bicha” é quem o subjuga, visto que consegue tirar toda a roupa dele e ficar em cima de seu pênis.

Neste excerto, a postura de Encólpio frente à performance homoerótica de outra personagem sugere que seu posicionamento incorpora discursos sociais que criticam e ridicularizam os cidadãos romanos cujas performances sexuais e de gênero afastam-se do “modelo priápico” da masculinidade (WILLIAMS, 2010), contradizendo a performance encenada pelo narrador-personagem com Gitão no excerto anterior.

A postura contraditória de Encólpio não ocorre no relato de Trimalquião, liberto enriquecido pela herança deixada por seu antigo patrão. Trimalquião, como se lê no trecho abaixo, afirma que encenava uma performance homoerótica com seu patrão e uma heteroerótica com sua patroa enquanto era escravo, o que aponta para o caráter fluido da sexualidade (SULLIVAN, 2003).

(...) e afim de ter barba no rosto mais depressa, eu lambuzava a boca com óleo de lucerna. É, mas no entanto fui as delícias do meu patrão durante quatorze anos. E não é nenhuma vergonha o que patrão manda. Eu no entanto satisfazia minha própria patroa também. Vocês sabem o que eu estou falando: vou ficar quieto porque não sou de ficar contando vantagem. (PETRÔNIO, 2008, p. 103)

Em relação à performance homoerótica encenada por Trimalquião com seu patrão, Williams (2010) observa que era comum que os escravos fossem obrigados a desempenhar o papel passivo na relação sexual. Entretanto, Trimalquião, a fim de evitar as investidas do seu patrão, passava “óleo de lucerna” na boca para que sua barba crescesse mais rápido. Conforme o “modelo priápico” (WILLIAMS, 2010), os escravos jovens só poderiam ser objetos sexuais passivo do seu patrão até que sua barba comesse a crescer.

Não obstante, apesar de Trimalquião fazer uso de uma estratégia para sua barba crescer mais rápido, não é possível afirmar que seu posicionamento reflete uma aversão à performance homoerótica que encena com seu patrão, uma vez que Trimalquião diz que “não é vergonha nenhuma fazer o que patrão manda”. Assim, o liberto parece estar conformado de que, como escravo, deveria sempre seguir as ordens do patrão.

## 6. Considerações finais

O objetivo central deste artigo foi analisar como a identidade homoerótica, pensada como performance discursiva em um tempo e espaço específicos, é encenada por algumas personagens masculinas do romance satírico *Satyricon* (PETRÔNIO, 2008), tendo em vista os significados sociosexuais a partir dos quais tal performance era construída (COSTA, 2002). Pudemos perceber como a performance homoerótica poderia estar relacionada à passividade e, conseqüentemente, a uma rejeição dos homens que desempenhavam o papel passivo no ato sexual (WILLIAMS, 2010).

A análise dos excertos mostrou como as performances homoeróticas, ativa e passiva, são construídas discursivamente por meio do posicionamento das personagens em diferentes contextos. Assim, Encólpio não posiciona sua performance homoerótica ativa com Gitão como socialmente condenável, mas posiciona a performance homoerótica passiva do dançarino como algo reprovável.

No relato de Trimalquião, apesar de usar uma estratégia para evitar o assédio do seu patrão, o liberto não parece posicionar sua performance homoerótica supostamente passiva de forma negativa, pois reconhece que o desempenho do papel passivo no ato sexual com o patrão é uma obrigação para o escravo. Portanto, As análises evidenciaram o caráter fluido, cambiante e contraditório das performances sexuais e de gênero conforme postulado pelos/as teóricos/as queer (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2003).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BARCELOS, J. C. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo I*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

CROMPTON, L. *Homosexuality and civilization*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

DAVIES, B.; HARRE, R. Positioning and personhood. In: HARRE, R. e VAN LANGENHOVE, L. (eds.). *Positioning theory: moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. *De que amanhã: diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

FLORES, G. G. Apresentação: que cada um cante seu amor. In: CARVALHO, R.; FLORES, G. G.; GOUVÊA JÚNIOR; OLIVA NETO, J. A. (orgs.). *Por que calar nossos amores: poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREUDENBURG, K. Introduction: roman satire. In: \_\_\_\_ (ed.). *The Cambridge companion to roman satire*. New York: Cambridge University Press, 2005.

GOODYEAR, F. R. B. Prose satire. In: KENNEY, E. J. (ed.). *The Cambridge history of classical literature II: latin literature*. New York: Cambridge University Press, 2008.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e posfácio: Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RIMELL, V. The satiric maze: Petronius, satire, and the novel. In: FREUDENBURG, K. (ed.). I. New York: Cambridge University Press, 2005.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SULLIVAN N. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York University Press, 2003.

WILLIAMS, C. A. *Roman homosexuality: ideologies of masculinity in classical antiquity*. New York: Oxford University Press, 2010.